

DOR, SENCIÊNCIA E BEM-ESTAR EM ANIMAIS

Senciência e Dor

Stelio Pacca Loureiro LUNA¹

RESUMO - Senciência é a capacidade de sentir, que engloba pelo menos todos os animais vertebrados. Neste contexto a dor é um mecanismo de defesa, que quando não tratada pode desencadear hiperalgesia e sofrimento permanente. Para tal é importante o reconhecimento e tratamento adequado da mesma em animais. De forma geral os estímulos que causam dor nas diferentes espécies de animais são similares e os animais de produção são os que mais sofrem dor, relacionada ao manejo para produção e aos procedimentos cruentosos, muitas vezes questionáveis da real necessidade. Há uma negligência tanto para prevenção como para o tratamento da dor em animais. O avanço da ciência do bem-estar animal aguçou o senso crítico da necessidade de prevenção e tratamento da dor em animais, adicionado ao olhar atento do consumidor, às boas práticas de produção e a preservação ambiental. Desta forma, o bem-estar animal agrega valor ao produto e pode favorecer a produtividade. É dever do ser humano prover condições para que os animais não sejam submetidos a procedimentos dolorosos sem a devida anestesia e analgesia e repensar o uso de práticas que causam dor e sofrimento em animais de produção.

Termos de indexação: dor, sentiência, sofrimento animal.

PAIN, SENTIENCE AND ANIMAL WELFARE

Sentience and pain

ABSTRACT - Sentience is the ability to feel, which is observed in at least all vertebrate animals. In this context, pain is a defense mechanism. Hyperalgesia and permanent suffering may develop if pain is not treated. According to that it is important to recognize and treat pain in animals. In general, the stimuli that produce pain are similar among animal species. The animals used for food production are the ones that have the most suffering during the management for production. Most of these procedures are questionable if they are really necessary. Both prevention and treatment of pain in animals are neglected. The development of the animal welfare science improved the critical senses for the necessity of prevention and treatment of pain in animals. The consumer attention, the good animal production practices and the environmental preservation also increased the demand for the welfare of animals. The animal welfare aggregates value to the product and may improve productivity. It is a human obligation to provide conditions to animals to be submitted to pain procedures with the adequate anesthesia and analgesia. It is also necessary to reevaluate the practices that produce animal suffering.

Index terms: animal suffering, pain, sentience.

¹ Médico Veterinário, Professor Adjunto do Departamento de Cirurgia e Anestesiologia Veterinária, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Unesp, Campus de Botucatu, São Paulo, 18607350; email: stelio@fmvz.unesp.br

Dor e senciência

Senciência, palavra originada do latim sentire, que significa sentir, é a "capacidade de sofrer ou sentir prazer ou felicidade" (SINGER, 2002). De forma sintética é a capacidade de sentir, estar consciente de si próprio ou apenas do ambiente que o cerca. Não cabe aqui estabelecer uma discussão filosófica do termo senciência, mas sim das implicações práticas relacionadas ao fato inquestionável cientificamente de que pelo menos os animais vertebrados sofrem e são serem sencientes. A evidência de que os animais sentem dor se confirma pelo fato que estes evitam ou tentam escapar de um estímulo doloroso e quando apresentam limitação de capacidade física pela presença de dor, está é eliminada ou melhorada com o uso de analgésicos. Para muitos filósofos, a senciência fornece ao animal um valor moral intrínseco, dado que há interesses que emanam destes sentimentos. Estas evidências estão bem documentadas por estudos comportamentais, pela similaridade anatomo-fisiológica em relação ao ser humano e pela teoria da evolução (LUNA 2006).

A dor faz parte do cotidiano de qualquer ser vivo e é condição fundamental para sobrevivência. É uma qualidade sensorial de alerta para que os indivíduos percebam a ocorrência de dano tecidual e que estabeleçam mecanismos de defesa ou de fuga (TEIXEIRA, 1995). Esta é a dor é conhecida como fisiológica e tem função protetora (WOOLF, 1991; GOZZANI, 1997). Por outro lado, quando a dor fisiológica não é tratada adequadamente após o dano tecidual, pode ocorrer a persistência do fenômeno, ativação de vias não envolvidas na mediação da dor em condições normais e que

passam a contribuir para a nocicepção, fenômeno conhecido como alodinia, adicionado da redução do limiar de sensibilidade dos nociceptores, fenômeno conhecido como hiperalgesia. Nestas situações a dor passa de sintoma de uma possível lesão tecidual à própria doença. Casos de hipersensibilidade periférica e central tornam a dor auto-persistente, muitas vezes por toda a vida do animal. Neste caso a dor é denominada de patológica ou clínica e pode ser torna crônica e neuropática. Está bem documentado que a melhor forma de controlar a dor é preveni-la, para evitar a sensibilização periférica e central do sistema nervoso, esta última muitas vezes é irreversível, dada à dificuldade de tratamento (LUNA 2006).

Avaliação da dor em animais

A complexidade da dor ultrapassa a fronteira física e é influenciada pelo meio ambiente e pela resposta psíquica do animal. Desta forma é considerada como um fenômeno biopsico-social, que envolve os aspectos biológico, psíquico e social do indivíduo. Relaciona-se ao ambiente que o animal vive e às condições de tratamento do mesmo. O ponto crítico é como avaliar a dor em animais. Apesar do antropomorfismo não ser a melhor forma de lidar com a questão, dada às grandes diferenças existentes não só entre a espécie humana e os animais, bem como entre as diferentes espécies de animais, o princípio de analogia é um bom guia para reconhecer a dor em animais. De forma geral os estímulos que causam dor nas diferentes espécies de animais são muito similares, havendo uma similaridade de limiar

de dor para estímulos, mecânicos, térmicos ou químicos. A variação entre as espécies não ocorre pela sensação em si, mas sim pela forma de manifestação comportamental reativa frente ao estímulo doloroso (LUNA 2006).

Dentre os animais domésticos, os animais de produção são os que mais sofrem dor, tanto pelo fato de que raramente recebem profilaxia ou tratamento analgésico em condições clínicas, como pelo fato que são submetidos a diversos procedimentos cruéis com a finalidade de aumentar a capacidade produtiva ou corrigir problemas relacionados com a produção. Estes procedimentos são muitas vezes questionáveis da real necessidade e são realizados na maioria das vezes sem a devida anestesia ou analgesia. Dentre as causas principais de dor e sofrimento em animais de produção têm-se a marcação à quente ou frio, orquiectomia, descorna, mastite e laminite em ruminantes, a muda forçada, a debicagem e a doença degenerativa articular em aves domésticas e a caudectomia, orquiectomia e o corte de dentes em suínos. Adicionalmente o próprio manejo dos animais pode desencadear um estímulo nocivo, como em casos de traumas durante o transporte e a falta de espaço pelo confinamento, neste caso principalmente em aves de postura e de corte e em criações intensivas de suínos e "baby beef". As práticas de esporte, como em rodeios, também podem desencadear dor (PRADA et al 2002).

Atitudes dos seres humanos quanto ao tratamento da dor em animais

Há negligência tanto para prevenção como para o tratamento

da dor no homem e em animais. Ainda permanecem resquícios do pensamento filosófico de René Descartes do século XVII, que propôs que os animais apresentavam uma fisiologia diferente do homem e que a reação dos mesmos a um estímulo doloroso seria apenas mecânica, por um reflexo de proteção sem consciência da dor. Graças a teoria da evolução de Charles Darwin no século XX, o homem descende dos animais e suas sensações são muito próximas, dado que a anatomia, a fisiologia, as respostas farmacológicas, as reações frente a um estímulo nocivo e o comportamento de esquia frente a uma experiência dolorosa são similares. O "colocar-se no lugar do animal" é uma boa forma de avaliar o sofrimento alheio. O próprio Charles Darwin enunciou que "não há diferenças fundamentais entre o homem e os animais nas suas faculdades mentais... os animais, como os homens, demonstram sentir prazer, dor, felicidade e sofrimento".

Com o avanço da ciência do bem-estar animal, tem-se aguçado o senso crítico da necessidade de prevenção e tratamento da dor em animais. Adicionalmente o consumidor está atento para o alimento que respeite as boas práticas e a preservação ambiental. Desta forma, o bem-estar animal tem passado de um empecilho às práticas de produção, a um aliado importante para viabilidade financeira do agronegócio, agregando valor ao produto. Algumas práticas realizadas em animais de produção têm sido questionadas. A preocupação com o bem-estar animal e o controle da dor nestas espécies pode ser vantajosa para a própria

produtividade. Por exemplo, observou-se maior ganho de peso em leitões castrados sob efeito de anestesia local na semana após a cirurgia, em relação àqueles não anestesiados, superando inclusive os gastos com o procedimento anestésico, o que demonstra a vantagem e a viabilidade econômica de se evitar o sofrimento desnecessário de animais (LUNA, 2006). Cães submetidos à cirurgia ortopédica apresentaram melhor recuperação do ponto de vista cirúrgico, em termos de melhor cicatrização, consolidação da fratura mais rápida e menor edema, infecção e migração de pino, quando tratados com analgésicos antiinflamatórios, do que os não tratados (CRUZ et al 2000), o que contradiz o argumento de que o tratamento da dor em animais submetidos a procedimentos ortopédicos deve ser limitado dado à possibilidade do animal "forçar" o membro e interferir na recuperação da cirurgia. Desta forma, vários estudos corroboram a necessidade de prevenir e tratar a dor em animais.

Para a prevenção e o tratamento da dor em animais é necessário reconhecê-la. Esta avaliação, da mesma forma que em neonatos humanos, é difícil em animais, pela dificuldade de interpretar o comportamento aversivo. Várias escalas têm sido introduzidas na prática clínica de pequenos animais (HOLTON et al 2001), entretanto esta abordagem é quase inexistente em animais de produção e silvestres (PRICE et al 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dor incapacita para a vida e ao considerar que os animais estão

sob nossa responsabilidade, é dever do ser humano e particularmente do médico veterinário, prover condições para que os animais não sejam submetidos a procedimentos dolorosos sem a devida anestesia e analgesia. Em casos de animais de produção deve-se repensar o uso de práticas que causam dor e sofrimento animal, pois ao considerar que os animais são criados para o nosso benefício, o mínimo que pode ser feito é tratá-los de uma forma digna e com respeito pela qualidade de vida. Práticas como a debicagem em aves de postura, caudectomia e corte de dentes em leitões, castração, desvio lateral de pênis para produção de rufiões e descorna em ruminantes, bem como outras práticas de manejo que causam dor e sofrimento intensos, tal como a marcação a fogo, deveriam ser reavaliadas quanto à necessidade e a forma de realização. O custo do sofrimento animal deve ser levado em consideração, já que a emoção e/ou inteligência animal pode ser questionada, mas é inquestionável que os animais podem sofrer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SINGER, P. **Vida Ética**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. 420p.

CRUZ, M.L., LUNA, S.P.L., SILVA JUNIOR, J.R., IAMAGUTE, P., CROCCI, A., TAKAHIRA, R.K. Efeitos do flunixin, ketoprofeno, carprofeno, brupenorfina e placebo para analgesia pós-operatória em cães submetidos à osteossíntese de fêmur. **Hora Veterinária**, v. 114, p. 19-25, 2000.

PRADA, I.L.S., MASSONE, F., CAIS, A., COSTA, P.E.M.,

SENEDA, M.M. Bases metodológicas e neurofuncionais da avaliação de ocorrência de dor/sofrimento em animais. **Revista de Educação Continuada do CRMV-SP**, v. 5, p. 1-13, 2002.

HOLTON, L., REID J, SCOTT EM, PAWSON P, NOLAN A. Development of a behavior-based scale to measure acute pain in dogs. **Veterinary Record**, v. 148, p. 525-531, 2001.

PRICE, J., CATRIONA, S., WELSH, E.M., WARAN, N.K. Preliminary evaluation of a behavior-based system for assessment of post-operative analgesia in horses following arthroscopy surgery. **Veterinary Anaesthesia and Analgesia**, v. 30, p. 124-137, 2003.

WOOLF, C.J., CHONG, M. Preemptive analgesia – treating postoperative pain by preventing the establishment of central sensitization. **Anesthesia and Analgesia**, v.77, p.362-379, 1993.

TEIXEIRA, M.J. Fisiopatologia da dor. **Red. Med.**, v.73, n.2, p.55-64, 1995.

GOZZANI, J.L. Analgesia pós-operatória. In: MANICA, J.T. et al. **Anestesiologia: princípios e técnicas**. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p.763–769.

LUNA, S.P.L. Dor e sofrimento animal. In: RIVERA, E.A.B.; AMARAL, M.H.; NASCIMENTO, V.P. **Ética e Bioética**. Goiânia, 2006. p. 131-158.